

13

O PAPEL DAS PRÁTICAS CULTURAIS INDÍGENAS NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL COMUNITÁRIA

▶ **Andresa Barros Santos**

Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Maranhão

 ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8916-1681>

▶ **Carla Emanuele Lopatiuk**

Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário Campo Real

 ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3293-6534>

▶ **Agnes Vicente de Sousa**

Graduanda em Odontologia pela Universidade de Vassouras

 ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5698-7174>

▶ **Maria Vitória de França Silva**

Pós-Graduanda em Pediatria e Neonatologia pelo Centro Universitário Vale do Ipojuca

 ORCID: 0009-0000-7254-2472

▶ **Nayara de Assis Furtado da Silva**

Graduada em Medicina pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

 ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2664-4965>

▶ **Rafael Leituga de Carvalho Cavalcante**

Pós-Graduado em Psiquiatria pelo Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6436-3968>

▶ **Nedson Sombra Gemaque**

Graduado em Enfermagem pela Universidade da Amazônia-Unama

 ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1219-2940>

▶ **Aline Pacheco Eugênio**

Especialista em Saúde Mental pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB

 ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7647-866X>

▶ **Marcelo Leite Cavalcante**

Mestrando em Oncologia pelo Instituto do Câncer do Ceará.

 ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0500-9684>

► **Carlos Lopatiuk**

Doutor em Ciências Sociais pela UEPG

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5918-0657>

RESUMO

INTRODUÇÃO: As práticas culturais indígenas constituem formas complexas e integradas de cuidado que envolvem dimensões espirituais, sociais e territoriais, desempenhando um papel central na promoção da saúde mental das comunidades. Em contraste com o modelo biomédico, os saberes tradicionais indígenas oferecem abordagens holísticas que valorizam o coletivo, a ancestralidade e o equilíbrio com a natureza como elementos terapêuticos. Em um contexto de histórico de violências e exclusões, essas práticas também representam formas de resistência cultural e afirmação identitária. **OBJETIVO:** Analisar, por meio de uma revisão narrativa da literatura, o papel das práticas culturais indígenas na promoção da saúde mental comunitária, destacando suas contribuições, desafios e possibilidades de articulação com o sistema público de saúde. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, com busca realizada nas bases SciELO, LILACS, PubMed e Google Scholar. Os critérios de inclusão foram: publicações entre 2017 e 2025, em português, inglês ou espanhol, disponíveis na íntegra e com foco na temática proposta. A análise foi qualitativa e interpretativa, organizada por categorias temáticas. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os resultados evidenciaram que as práticas culturais indígenas como rituais espirituais, narrativas orais, uso de plantas medicinais e vínculos com o território promovem bem-estar emocional, fortalecimento comunitário e resiliência frente a traumas históricos. Identificou-se, ainda, a importância das lideranças tradicionais no cuidado psíquico e os desafios da inserção efetiva dessas práticas nos serviços de saúde convencionais. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que as práticas culturais indígenas são fundamentais para a promoção da saúde mental nas comunidades originárias. A valorização e o reconhecimento desses saberes são essenciais para a construção de políticas públicas interculturais, éticas e efetivas no campo da saúde mental.

PALAVRAS-CHAVES: Comunidades indígenas; Espiritualidade; Práticas culturais; Promoção da saúde; Saúde mental.

13

THE ROLE OF INDIGENOUS
CULTURAL PRACTICES IN
PROMOTING COMMUNITY
MENTAL HEALTH

ABSTRACT

INTRODUCTION: Indigenous cultural practices constitute complex and integrated forms of care that involve spiritual, social and territorial dimensions, playing a central role in promoting the mental health of communities. In contrast to the biomedical model, indigenous traditional knowledge offers holistic approaches that value the collective, ancestry and balance with nature as therapeutic elements. In a context of historical violence and exclusion, these practices also represent forms of cultural resistance and identity affirmation.

OBJECTIVE: To analyze, through a narrative review of the literature, the role of indigenous cultural practices in promoting community mental health, highlighting their contributions, challenges and possibilities for articulation with the public health system. **METHODOLOGY:** This is a narrative review of the literature, with searches carried out in the SciELO, LILACS, PubMed and Google Scholar. The inclusion criteria were: publications published between 2017 and 2025, in Portuguese, English or Spanish, available in full and focusing on the proposed theme. The analysis was qualitative and interpretative, organized by thematic categories.

RESULTS AND DISCUSSION: The results showed that indigenous cultural practices such as spiritual rituals, oral narratives, use of medicinal plants and links with the territory promote emotional well-being, community strengthening and resilience in the face of historical traumas. The importance of traditional leaders in mental health care and the challenges of effectively including these practices in conventional health services were also identified.

FINAL CONSIDERATIONS: It is concluded that indigenous cultural practices are fundamental for the promotion of mental health in native communities. The appreciation and recognition of this knowledge are essential for the construction of intercultural, ethical and effective public policies in the field of mental health.

KEYWORDS Indigenous communities; Mental health; Cultural practices; Health promotion; Spirituality.

INTRODUÇÃO

A saúde mental é um aspecto essencial do bem-estar humano, cuja compreensão e cuidado variam de acordo com os contextos culturais. Nas comunidades indígenas, o entendimento sobre o sofrimento psíquico está intrinsecamente ligado à coletividade, à espiritualidade e ao território. Ao longo de sua história, os povos originários no Brasil desenvolveram saberes e práticas culturais que integram elementos como rituais, rezas, uso de plantas medicinais, narrativas míticas, danças e ações comunitárias, constituindo formas próprias e eficazes de promoção da saúde mental (Mendes; Varga, 2024; Berni 2017).

Essas práticas culturais vão além do aspecto terapêutico individual, pois promovem o fortalecimento identitário, a coesão social e o sentimento de pertencimento. Para muitos povos indígenas, o sofrimento mental não é visto de forma isolada, mas como uma manifestação do desequilíbrio entre o ser humano, os ancestrais, os espíritos e a natureza. Assim, o cuidado envolve a restauração da harmonia coletiva por meio de cerimônias e saberes ancestrais que preservam vínculos e memórias (Costódio, 2024).

A marginalização histórica sofrida pelas populações indígenas, intensificada por processos de colonização, racismo estrutural e perdas territoriais, impactou profundamente suas estruturas de vida, resultando em danos psíquicos e sociais. Contudo, mesmo diante dessas adversidades, as práticas culturais tradicionais continuam sendo ferramentas de resistência, resiliência e autocuidado comunitário (Wayhs; Bento; Quadros 2019). Preservá-las é reconhecer sua importância não apenas para o cuidado em saúde mental, mas também para a manutenção da identidade e da autonomia cultural desses povos.

A atuação dos anciãos, lideranças espirituais e mulheres indígenas revela-se essencial nesse contexto. Esses sujeitos ocupam lugar central na mediação dos rituais, na transmissão de saberes e no fortalecimento da saúde coletiva. As narrativas orais, por sua vez, oferecem caminhos de elaboração simbólica do sofrimento, promovendo reconexão com o sagrado e reatualização das origens (Kirch; Carvalho, 2024; Pereira, 2020). Já o território, longe de ser apenas um espaço físico, é concebido como parte vital da existência. Sua perda representa uma ameaça à saúde mental, enquanto sua preservação contribui diretamente para o equilíbrio espiritual e emocional (Oliveira; Zanello; Armstrong 2025).

Apesar dos avanços institucionais, como a incorporação das Práticas Integrativas e Complementares (PICS) no SUS, os saberes indígenas ainda são pouco reconhecidos nas políticas públicas. A efetiva valorização das práticas culturais requer diálogo intercultural, formação de profissionais indígenas, materiais bilíngues e protocolos de cuidado baseados em epistemologias tradicionais (Berni, 2017; Niedermayer; Silva 2020). A superação de paradigmas biomédicos e a abertura à escuta ativa das comunidades são passos fundamentais para uma abordagem mais inclusiva, sensível e eficaz (Hojo; Teodosio; Silva 2024).

A literatura científica, embora ainda limitada, evidencia a eficácia das práticas culturais indígenas como promotoras do bem-estar emocional, fortalecimento de redes sociais e elaboração coletiva do sofrimento (Ribeiro *et al.*, 2023). Reconhecer essas práticas como formas legítimas de cuidado e resistência implica descolonizar o saber em saúde e ampliar horizontes para a promoção da saúde mental comunitária. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo analisar, por meio de uma revisão narrativa de literatura, o papel das

práticas culturais indígenas na promoção da saúde mental comunitária, evidenciando suas contribuições, seus desafios e as possibilidades de articulação com as políticas públicas no contexto atual.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, cuja finalidade é reunir, objetivo analisar, por meio de uma revisão narrativa de literatura, o papel das práticas culturais indígenas na promoção da saúde mental comunitária, destacando suas contribuições, desafios e possibilidades no contexto atual. Esse tipo de revisão é apropriado para investigar temas complexos, multidimensionais e com abordagens teóricas diversas, permitindo uma análise integrativa e contextualizada do objeto de estudo. A seleção do material foi realizada por meio de buscas em bases de dados eletrônicas reconhecidas na área da saúde e das ciências sociais aplicadas, incluindo SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), PubMed, Google Scholar.

Os descritores utilizados nas buscas foram definidos com base nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e no *Medical Subject Headings* (MeSH), sendo combinados com operadores booleanos. Foram utilizados os seguintes termos em diferentes combinações: “saúde mental”, “comunidades indígenas”, “espiritualidade”, “promoção da saúde”, e “práticas Culturais”.

Os critérios de inclusão adotados foram: (1) artigos científicos publicados em português, inglês ou espanhol; (2) publicações entre os anos de 2017 e 2025; (3) textos disponíveis na íntegra; (4) estudos que abordem a relação entre práticas culturais indígenas e a promoção da saúde mental. Foram excluídos trabalhos duplicados, textos opinativos sem base empírica, resumos sem o texto completo e publicações com foco exclusivo em doenças mentais sem conexão com práticas culturais ou indígenas.

A análise do material selecionado foi realizada de forma qualitativa, buscando identificar categorias temáticas recorrentes relacionadas ao objeto da pesquisa, como: rituais e espiritualidade, resiliência comunitária, territórios e identidade, saberes ancestrais, papel das lideranças espirituais, e políticas públicas interculturais em saúde mental. Essas categorias permitiram a sistematização dos dados e subsidiaram a discussão crítica dos achados à luz da literatura existente.

O presente estudo respeita os princípios éticos da pesquisa científica e não envolve diretamente seres humanos, portanto, está dispensado de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme previsto na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Contudo, foi mantido o compromisso com o respeito à diversidade cultural e à valorização dos saberes tradicionais dos povos indígenas.

Por fim, ressalta-se que, por se tratar de uma revisão narrativa, não há intenção de esgotar o tema nem de oferecer uma análise estatística dos dados, mas sim de apresentar reflexões aprofundadas e críticas que contribuam para a ampliação do debate acadêmico e institucional acerca da valorização das práticas culturais indígenas como instrumentos legítimos de cuidado em saúde mental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificados 33 estudos no total, dos quais 11 atenderam aos critérios de inclusão e foram analisados nesta revisão narrativa. Vinte e dois foram excluídos por se tratarem de publicações duplicadas, resumos sem acesso ao texto completo, artigos com enfoque exclusivo em doenças mentais sem relação com práticas culturais ou por não abordarem populações indígenas. A seguir, segue a tabela com os estudos incluídos.

Tabela 1: Estudos incluídos na revisão narrativa sobre práticas culturais indígenas e saúde mental comunitária.

AUTOR/ANO	TÍTULO	TIPO DE ESTUDO
Kadri <i>et al.</i> (2021)	Curso em saúde mental no contexto da Covid-19 com povos indígenas	Relato de experiência
Costa (2022)	Ritual da lua cheia: espiritualidade e tradição entre os Potiguara da Paraíba	Tese de Doutorado
Vilela (2023)	A criança indígena enferma e seus percursos terapêuticos	Tese de Doutorado
Mendes; Varga (2024)	Saúde mental indígena em território de conflitos	Artigo Científico
Brasil (2022)	Saúde mental e promoção do bem-viver	Documento institucional
Souza; Pacheco (2018)	Narrativas como possibilidade para ensino em contexto intercultural	Artigo Científico
Menezes (2024)	Vozes ancestrais: saberes de mulheres benzedoras	Dissertação de Mestrado
Luna <i>et al.</i> (2020)	Identidade, cuidado e direitos nas rodas de conversa	Artigo Científico
Trindade <i>et al.</i> (2025)	Saúde pública em populações indígenas	Artigo Científico
Sobral (2022)	Monitorando o uso de álcool entre indígenas	Artigo Científico
Nazaré (2025)	Saúde mental em contexto indígena	Artigo de Congresso

FONTE: Autores, 2025.

A análise dos estudos selecionados (ver Tabela 1) revelou que as práticas culturais indígenas são centrais na promoção da saúde mental coletiva. Essas manifestações envolvem rituais de cura, espiritualidade, uso de plantas medicinais, narrativa oral e expressões artísticas, que atuam como estratégias comunitárias de reorganização emocional e espiritual. Elas reforçam a identidade étnica, a coesão grupal e o vínculo com os ancestrais, fortalecendo a saúde psíquica em contextos marcados por desigualdade histórica (Kadri *et al.*, 2021; Costa, 2022).

A espiritualidade aparece como um eixo estruturante da cosmologia indígena, sendo compreendida não como doutrina, mas como uma forma de conexão com o sagrado, a natureza e os antepassados. Essa dimensão funciona como recurso terapêutico, promovendo a cura simbólica e o reencontro com o equilíbrio interior, muitas vezes substituindo ou complementando intervenções psicoterapêuticas ocidentais (Costa, 2022; Mendes; Varga, 2024).

O protagonismo das lideranças tradicionais, como pajés, benzedadeiras, curandeiras e anciãos, foi destacado na maioria dos estudos. Esses guardiões do conhecimento conduzem rituais e orientam práticas de cuidado que mobilizam valores espirituais e comunitários, contribuindo significativamente para o restabelecimento do bem-estar coletivo e a manutenção da sabedoria ancestral (Vilela, 2023; Menezes, 2024).

Outro fator amplamente identificado é a importância do território como elemento terapêutico e existencial. Para os povos originários, a terra é sagrada e contém os elementos essenciais para a vida, a cura e a ancestralidade. A perda territorial representa uma ameaça direta à saúde mental, gerando sentimentos de desorientação, luto e ruptura simbólica. Por outro lado, a luta pela demarcação e preservação de territórios fortalece o sentimento de pertencimento e a saúde espiritual das comunidades (Mendes; Varga, 2024; Oliveira; Zanello; Armstrong 2025).

As danças cerimoniais, cânticos e festas rituais desempenham um papel fundamental na expressão de emoções, na elaboração de traumas e no reforço dos vínculos sociais. Essas práticas coletivas criam espaços seguros para o compartilhamento de vivências, promovendo acolhimento e alívio emocional. Essa abordagem contrasta com o modelo biomédico, muitas vezes centrado na individualização do cuidado (Brasil, 2022).

A oralidade, especialmente por meio de mitos e narrativas ancestrais, se destacou como instrumento educativo e terapêutico. Ao contar histórias, as comunidades reforçam laços identitários, elaboram perdas e ensinam estratégias culturais de enfrentamento. Tais práticas, comuns entre os mais velhos, também exercem papel protetor para os jovens, em especial aqueles expostos a contextos de violência ou exclusão social (Souza; Pacheco, 2018).

As mulheres indígenas foram identificadas como protagonistas na sustentação das práticas de cuidado emocional. Em muitos contextos, elas atuam como benzedadeiras, parteiras, conselheiras e mediadoras de conflitos. Suas práticas não apenas promovem a saúde física e psíquica, mas também mantêm viva a tradição e a coesão da comunidade (Menezes, 2024; Pereira, 2020).

A educação intercultural aparece como um caminho promissor para integrar os saberes tradicionais aos serviços de saúde mental. A formação de profissionais indígenas e a inclusão de conteúdos sobre espiritualidade, cosmologia e práticas culturais nas instituições de ensino superior são estratégias apontadas como fundamentais para ampliar a sensibilidade cultural no atendimento à saúde (Luna *et al.*, 2020).

Por outro lado, os estudos também apontaram barreiras persistentes. Profissionais não indígenas ainda demonstram desconhecimento ou descrédito em relação aos saberes tradicionais, o que limita a implementação de abordagens integrativas nos serviços públicos. Em muitos casos, os saberes tradicionais são deslegitimados, comprometendo a adesão ao cuidado e perpetuando práticas coloniais (Trindade *et al.*, 2025).

Iniciativas de articulação entre práticas indígenas e atendimentos convencionais vêm crescendo, embora ainda pontuais. Experiências que envolvem a presença de pajés nos postos de saúde, o respeito aos tempos rituais e o uso de línguas nativas demonstraram melhores resultados em termos de adesão e eficácia terapêutica (Brasil, 2022).

Especial atenção foi dada à juventude indígena, que enfrenta desafios relacionados à perda de identidade, discriminação e uso de substâncias psicoativas. Projetos voltados ao resgate da língua materna, à valorização da cultura e à participação em rituais demonstraram efeitos positivos na autoestima e na prevenção de transtornos mentais (Sobral, 2022; Nazaré, 2025).

Em síntese, os resultados desta revisão mostram que as práticas culturais indígenas atuam como formas legítimas de promoção da saúde mental, construídas a partir de experiências coletivas, vínculos espirituais e saberes ancestrais. Elas resistem às violências históricas e reafirmam o direito ao cuidado baseado na própria cosmologia. Integrar esses saberes às políticas públicas não é apenas uma questão de reconhecimento cultural, mas de justiça social e eficácia em saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão narrativa permitiu compreender que as práticas culturais indígenas representam formas legítimas, eficazes e profundamente enraizadas de promoção da saúde mental comunitária. Tais práticas envolvem uma abordagem holística do cuidado, na qual corpo, mente, espírito, território e coletividade estão interligados, formando um sistema complexo de significados e experiências que transcende os limites da medicina ocidental tradicional.

Os achados apontam que rituais, rezas, cantos, narrativas orais, uso de plantas medicinais e o fortalecimento do vínculo com o território e a ancestralidade são componentes essenciais para o bem-estar mental nas comunidades indígenas. Esses elementos funcionam como mecanismos de prevenção, enfrentamento e cura de sofrimentos psíquicos, além de reafirmarem identidades, restaurarem vínculos comunitários e resistirem às violências históricas e contemporâneas impostas a esses povos.

Verificou-se também que, apesar dos avanços em algumas políticas públicas, ainda há grande distância entre os saberes tradicionais indígenas e o modelo biomédico predominante no sistema de saúde. A ausência de diálogo e reconhecimento institucional das práticas culturais como estratégias válidas de cuidado compromete a eficácia das ações em saúde mental voltadas às populações indígenas. É fundamental, portanto, promover uma escuta sensível, descolonizada e intercultural.

A valorização dessas práticas não deve ser vista apenas como um gesto de respeito cultural, mas como uma estratégia concreta de ampliação da atenção em saúde mental, com base em evidências empíricas e saberes ancestrais. Fortalecer o protagonismo indígena nas decisões sobre saúde, garantir o direito ao território e respeitar as formas tradicionais de cuidado são medidas urgentes para a promoção da equidade e justiça social.

Conclui-se que integrar os saberes indígenas às políticas públicas de saúde mental é um caminho promissor para a construção de um sistema mais inclusivo, eficaz e plural. A promoção da saúde mental nas comunidades indígenas deve ser, antes de tudo, um compromisso ético com a vida, a diversidade e a dignidade dos povos originários. Reconhecer a força e a sabedoria dessas práticas é essencial para avançarmos rumo a uma saúde verdadeiramente integral e intercultural no Brasil.

REFERÊNCIAS

- BERNI, Luiz Eduardo Valiengo. Psicologia e saúde mental indígena: um panorama para construção de políticas públicas. **Psicologia para América Latina**, [S. l.], n. spe, nov. 2017. Disponível em: <https://psicolatinamericanajournal.org/index.php/psicolatinoamericana/article/view/671>.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde mental e promoção do bem-viver. **Brasília, DF: Ministério da Saúde**, 09 jul. 2021. Atualizado em: 07 dez. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sesai/dapsi/saude-mental-e-promocao-do-bem-viver>.
- COSTA, Surama Santos Ismael da. Ritual da lua cheia: espiritualidade e tradição entre os Potiguara da Paraíba. 2022. **Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, João Pessoa**, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/24225>.
- COSTÓDIO, Izamara Rabelo. Além das palavras: uma etnografia sobre o campo da saúde mental em um contexto indígena, no DSEI Alto Rio Solimões. 2024. **Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) – Instituto de Natureza e Cultura, Universidade Federal do Amazonas, Benjamin Constant**, 2024. Disponível em: <http://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/8687>.
- HOJO, Isabella Harume Ribeiro; TEODOSIO, Armindo dos Santos de Sousa; SILVA, Pedro Henrique Moreira da. Direito à saúde e saúde mental em comunidades indígenas: uma análise da extensão em Brumadinho/MG. **Código 31: revista de informação, comunicação e interfaces**, v. 2, n. 2, supl., p. 1–?, 2024. Pôster apresentado no Integra 31. Disponível em: <https://doi.org/10.70493/cod31.v2i2.10188>.
- KIRCH, Lêssa Cristina Viana; CARVALHO, Fábio Almeida De. Ancestralidade: um conceito importante para a cultura literária contemporânea. **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade - Igarapé**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 129–146, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/8455>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- KADRI, Michele Rocha El *et al.* Curso em saúde mental no contexto da Covid-19 com povos indígenas por meio de ensino remoto. **Saúde em Debate**, [S. l.], v. 45, n. esp. 4, p. 115–131, 2021. Disponível em: DOI: 10.1590/1981-7746-sol00333.
- LUNA, Willian Fernandes et al. Identidade, cuidado e direitos: a experiência das rodas de conversa sobre a saúde dos povos indígenas. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, n. 2, e067, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.2-20200102>.
- MENDES, Leonardo José de Alencar; VARGA, István van Deursen. Saúde mental indígena em território de conflitos: o caso da comunidade Tupinambá da Serra do Padeiro no sul da Bahia. **Saúde e Sociedade, São Paulo**, v. 33, n. 2, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902024230260pt>.
- MENEZES, Maydê Mayara Vieira de. Vozes ancestrais: os saberes e crenças presentes nas narrativas das mulheres benzedeadas de Manacapuru-AM. 2024. 76 f. **Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Manaus**, 2024. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/10448>.

MENEZES, Wanusa Almeida. Benzedeadas e benzidos: processos de cura e promoção de saúde mental através de benzimento. 2024. 142 f. **Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão**, 2024. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/20060>.

NIEDERMAYER, Natalia; SILVA, Diuslene. Demandas para a saúde indígena na 16 Conferência Nacional de Saúde. **Direitos Humanos e Políticas de Saúde**, v. 28, 2020. Disponível em: <https://revista.unioeste.br/index.php/direitosepoliticadesaude/article/view/XXXX>.

NAZARÉ, Marcela Acioli de. Saúde mental em contexto indígena: (des)construindo os caminhos do Programa Bem Viver no Dsei Guatoc. **Anais do 13 Congresso Internacional da Rede Unida**, v. 4, supl. 1, 2018. Disponível em: <https://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/>. Acesso em: 29 mar. 2025.

OLIVEIRA, Iasmim; ZANELLO, Valeska; ARMSTRONG, Anderson da Costa. Território, gnero e saúde mental: os truks em um cenário de mudanças socioambientais. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. e1648, 2025. DOI: 10.23900/2359-1552v14n1-110-2025. Disponível em: <https://journalppc.com/RPPC/article/view/1648>. Acesso em: 29 mar. 2025.

PEREIRA, Lucia. As políticas públicas para a saúde indígena e a política de saúde das mulheres Kaiowá da reserva de Amambai, MS: aproximações e impasses. 2020. **Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Ciências Humanas, Dourados**, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/4612>.

RIBEIRO, Elberto Teles *et al.* Saúde indígena: desafios e perspectivas com diálogos interculturais e uma abordagem holística. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 7, p. 1897–1906, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i7.10774. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10774>. Acesso em: 29 mar. 2025.

SOBRAL, Fábio Batista. Monitorando o uso de álcool entre indígenas. RECIMA21 – **Revista Científica Multidisciplinar**, v. 3, n. 4, p. 1–13, abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47820/recima21.v3i4.1307>.

SOUZA, Gabriela Barbosa; PACHECO, Lílian Miranda Bastos. As narrativas como uma possibilidade para o processo de ensino e aprendizagem em contexto intercultural. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino de Línguas e Literaturas (REVELLI)**, v. 1, n. 4, p. 569–582, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18540/revesv11iss4pp0569-0582>.

TRINDADE, Yasmin do Socorro Lopes *et al.* Saúde pública em populações indígenas: abordagens integrativas para resgatar conhecimentos tradicionais. **ARAC**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 9182–9194, 2025. DOI: 10.56238/arev7n2-267. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/3508>. Acesso em: 30 mar. 2025.

VILELA, Paula Rey. A criança indígena enferma e seus percursos terapêuticos: um estudo etnopsicolgico. 2023. 333 f. **Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Escola de Saúde e Medicina, Programa Stricto Sensu em Psicologia, Brasília**, 2023. Disponível em: <https://btdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/tede/3269>.

WAYHS, Ana Clara Dorneles; BENTO, Beatriz do Amaral Rezende; QUADROS, Fatima Alice de Aguiar. Políticas públicas em saúde mental indígena no Brasil. **TraHs – Travaux et Recherches dans les Amriques Hispaniques, Limoges**, n. esp. 4, p. 68–77, 2019. Disponível em: <http://www.unilim.fr/trahs>.